

*A fabulosa
viagem do mel de*

LECHIGUANA

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA

2ª edição

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Daniel Zanella

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

IMAGEM DE CAPA: *Gauchos resting in the pampas*, Johann Moritz Rugendas, 1846.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D321f DEGRAZIA, José Eduardo.

A fabulosa viagem do mel de lechiguana (2ª edição)/José Eduardo
Degrazia – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

202 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-228-6

1. Romance I. Título

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Tio Quirino

NO VELHO BAÚ DO MEU AVÔ encontrei os originais que apresento ao público leitor. Numa de minhas férias escolares na Vila Alba – castelinho localizado no Alto do Cerro, em Itaquí – mais precisamente na sua torre, de onde se divisam as ruas e as casas da cidade ribeirinha, e onde me escondia para ficar imaginando aventuras e ler os livros raros da biblioteca, foi que tive acesso às *Memórias do Tio Quirino*. Nunca consegui saber como a velha caderneta de notas apareceu ali. Desde aquela época, e lá se vão muitos anos, os papéis amarelecidos me acompanham.

Resisti a publicá-los até este momento, por achar que a narrativa original havia sido alterada por muitos narradores que, tendo lido e traduzido o texto, nele intervieram ao longo do tempo. Desde o Viajante, que anotou o relato oral, saboroso e original do Vaqueano, até outros – meu bisavô, meu avô, meu pai e, em alguns casos, eu mesmo – tentaram, com a melhor das intenções, fazer comentários eruditos, incluir poemas e

vivências próprias, melhorar o estilo e atualizar a gramática, alterando o texto antigo de forma evidente. Anotações foram acrescentadas, mas pouco foi modificado na ficção fundadora. Permaneceu, apesar de tudo, o tom da charla ao pé do fogo, mantida a capacidade do Vaqueano de fabular.

Sendo o último depositário das anotações do Viajante, no capítulo referente às *Memórias* do tapejara itaquienense, fiz acréscimos, ora no interior, ora no fim da narrativa, atitude da qual hoje me penitencio. Pensei escoimar o texto da ganga acumulada sobre a rapsódia inicial, trabalho que se assemelharia ao do arqueólogo a escavar camadas de terra para chegar à idade certa da cultura ou civilização procurada ou como o restaurador a remover pinturas sucessivas até encontrar a obra escondida. Trabalho que não realizei, por não me achar capacitado para tanto.

Resolvi publicar, depois de alguma resistência, o texto completo, mesmo com as variantes já mencionadas. Mudei-lhe, também, o título para *A fabulosa viagem do mel de lechiguana*, que me pareceu mais apropriado. Acredito que o leitor terá condições de separar o que é original dos textos apócrifos. Se o amigo encontrar prazer na leitura desta fonte de água pura, os méritos serão todos do Tio Quirino.

“CHEGADA

Lá vem o Tio Quirino
no cavalo malacara,
procurando seu destino
nessa vida tão avara.

Lá vem o Tio Quirino
começar tudo de novo,
cuera, taura e teatino
na defesa do seu povo.”



1

O Vaqueano se dá a conhecer e apresenta o Rio Grande.

ALÉM, MUITO ALÉM DA ESTÂNCIA DO TIO CHICO, vem a Pampa sem fim. *Miles e miles* de milhas de nem Deus dar conta. Mundo de coxilhas e campos que se estendem pra riba e pra baixo, pra esquerda e pra direita, a planície, a campanha, a pradaria, na desmedida, galopando num corcoveio feliz que só vendo, galopice na medida certa, pra não parecer que estou mentindo nem aumentando os fatos no despropósito. Sentindo o perfume da terra. Sentindo o aroma de tudo. Mordendo o ar como se morde um fruto. O coração acelerado fazendo o sangue dar voltas nas veias. Vamos nos aproximando, a galope, porque é assim que se entra no Rio Grande: ventando em cima do cavalo pra ver de pertinho e de longe, olhando de cima pra ter a visão inteira, o todo e o mínimo. Só se conhece uma terra assim, no varejo e no atacado. No grosso e no miúdo. O Continente está esperando pra ser conhecido. A terra se derrama à nossa frente convidando a conhecê-la. Paisagens de todos os tipos são um presente aos nossos olhos. Montes cobertos de mata, campos a

perder de vista, praias longas e areais, muita sanga e muito rio e muito lagoão e muito riacho e muita lagoa e muita loca de jararaca e cascavel e cobra-coral e leão baio e lobo-guará e tatu e capivara e guaraxaim e zorro e zorrilho e mão-pelada e fuinha e cágado e tartaruga e gato do mato e rato e ratão e ema e João-grande e quero-quero e saracura e seriema e carancho e chimango e bem-te-vi e sabiá, bichos sem conta, os baixios de dar engulho na descida, alturas de dar vertigem na subida em cima das pedras nas altas serranias, margens dos rios grandes cheios de lontras, pintados e dourados e surubis, e dos riachos recheados de lambaris, estâncias, sesmarias, terra a perder de vista. Ploct, ploct, ploct no cavalo baio, ploct, ploct, ploct no zaino, ploct, ploct, ploct, no malacara, ploct, ploct, ploct no orelhano, ploct, ploct, ploct no ruano, ploct, ploct, ploct no tordilho, ploct, ploct, ploct no tobiano, de troteada, de sinuelo, de orelhano, e rodeio, e muito verde das matas e o céu azul sobre nossas cabeças, a carroça carregada de espécimes que terão o acréscimo da rica vida da Pampa, e a mula puxando a trouxa a trouxe-mouxe no caminho da internada do seu Patrício. A alimária, acostumada a subir e descer as coxilhas, levando na cacunda, segura desde o cogote, a flora e a fauna brasileira que Vosmecê vai recolhendo pra levar aos museus da Europa. A mula, carregada com toda a bagagem, adernando que nem chalana atravessando o Rio Uruguai no período da enchente no Itaquí.

Tio Quirino, é como todo o mundo me conhece por esse Continente. Sou aqui mesmo da terra, nascido e criado na estância do finado velho Nicácio, casado com a sua Maruca, filha do coronel Eurípedes Lemes, criador de gado e de cauros e

de confusão no Rio Grande inteiro, homem que nunca fugiu de nenhum entrevero nem de fandango galponeiro, homem de chinocas, de mulherio na garupa. Mas homem sério, às direitas, dos antigos troncos que fizeram povo, de cepa vicentina e açoriana, pelo-duro, homem de palavra. Tropeiro, carreteiro, peão, domador, laçador, era um gaúcho de truz. Com ele aprendi quase tudo o que sei na lida do campo, vivendo na arreada, enfrentando os castelhanos, batendo os bichos no mato. Fiquei encostado no tronco de guajuvira até criar asas, ficar taludo. Criado por ele, mas guaxo na vida, sem ter conhecido pai nem mãe. Fiquei por ali no aprender a bater asas ainda meninote, sorumbático, feito urutau que levanta voo sem deixar saudade, de tão sozinho e triste que é. Mas isso passou e a vida livre me encheu de entono e galhardia. Enfrentei desde pequeno os embates do destino, e nunca mais fiquei mofino. Mal tinha botado pena, e apareceram os primeiros fios de bigode, levantei voo feito ave de arribação. Vou pra todos os lados, mas sempre volto pro meu rincão. Trabalhei pra valer, observei mais ainda. Aprendi muito com as vivências de trabalhador do campo, campeiro, vaqueano. Vi muita coisa e conheci outras tantas. Aprendi a tirar a febre de homens e bichos de relancina. No mais, vivi muito, como Vosmecê bem pode notar. O Rio Grande cresceu comigo, com vários nomes, desde São Pedro, o primeiro, no tempo do Descobrimento, quando Pero Lopes de Sousa naufragou na barra do Chuí em 1531 e a terra ganhou o nome de seu santo protetor. Por mais de trezentos anos fomos conhecidos como Rio Grande de São Pedro. Há quem diga que foram os Jesuítas que assim denominaram



JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA
médico e escritor

Do mesmo autor, leia também:



Lições de geometria fantástica
(2016, poesia)

Disponível em:
www.editorapenalux.com.br/loja